

Uma análise foucaultiana dos discursos em relação à família produzidos por alunos de Espanhol do Ensino Médio

A foucauldian analysis of discourses in relation to the family produced by students of Spanish of the High School

Un análisis foucaultiano de los discursos en relación a la familia producidos por estudiantes de Español de Enseñanza Secundaria

Priscila Marinho¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
psmarinho9@gmail.com

RESUMO: O conceito de família burguesa, que se apresenta de modo tão naturalizado no pensamento comum, é atravessado por formações discursivas (Foucault, 2014 [1969]) que legitimam toda uma engrenagem técnica e disciplinar, apoiadas em estratégias de poder que garantem, desse modo, a produção de todo o corpo social, ou seja, a produção de toda a sociedade, configurando-se no “biopoder” (Foucault, 2002 [1971]; 2013a [1975]; 2013b [1977]), isto é, o poder sobre a vida, sobre a maneira de ser, de viver, de funcionar socialmente. Este artigo, ancorado na linha teórica da Análise de Discurso de linha francesa, objetiva discutir o modelo familiar que se estabeleceu a partir da ascensão da burguesia, tendo como aporte teórico o estudo desenvolvido pelo historiador Philippe Ariès (2014 [1978]), que analisa os conceitos de família desde a Idade Média até a época moderna. Alinhado a esta perspectiva, enfocaremos o pensamento foucaultiano refletindo acerca de algumas noções postuladas pelo filósofo, tais como as relações de poder-saber, corpo-alma, dentre outros conceitos pertinentes, ofertando, para tanto, alguns trechos analíticos de produções escritas realizadas por alunos de ensino médio através da imagem de uma família, nas quais podemos examinar os discursos desses sujeitos em relação a esta noção.

Palavras-chave: Noção de família; Análise de discurso; Perspectiva foucaultiana.

ABSTRACT: The concept of bourgeois family, which appears so naturalized in common sense, is crossed by discursive formations (Foucault, 2014 [1969]) that legitimize a whole technical and disciplinary mechanism, supported by strategies of power that guarantee, thereby, the production of the entire social body, that is, the production of the whole society, configuring what Foucault called “biopower” (Foucault, 2002 [1971]; 2013a [1975]; 2013b [1977]), that is, the power over life, the way of being, living and functioning socially. This paper, anchored in theoretical approach of the French Discourse Analysis, aims to discuss the family model, which was established from the rise of the bourgeoisie, having as theoretical support the study developed by the historian Philippe Ariès (2014 [1978]), which analyzes the concepts of family from the Middle Ages to the

¹ Doutora em Língua Espanhola pela Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPGLEN), Faculdade de Letras, UFRJ. Atualmente pós-doutoranda pelo mesmo PPG e bolsista FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI 260003/000295/2024. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6079-6336>

modern age. Aligned with this perspective, it will be focused on foucauldian thinking which we will reflect on some notions postulated by the philosopher, such as, the relations of power-knowledge, body-soul, among other pertinent concepts, thus offering some analytical excerpts from written productions carried out by high school students through the image of a family, in which we can examine the speeches of these subjects in relation to this notion.

Keywords: Family notion; Discourse analysis; Foucauldian perspective.

Introdução

Uma família não é um grupo de parentes;
é mais do que a afinidade do sangue,
deve ser também uma afinidade de
temperamento.
(Fernando Pessoa, 1895)

A noção de família moderna, herança da burguesia, ao apoiar-se sobre um modelo tido como o “certo” e/ou “único possível” promove a exclusão de outras formas de ser, apagando, assim, configurações heterogêneas e discrepantes em relação ao modelo vigente através do processo de naturalização de sentidos, sobre o qual atuam mecanismos uniformizantes de coerção. Isso se dá graças ao atravessamento dos sujeitos por formações discursivas² (cf. Foucault, 2014 [1969]) que concebem o discurso da família burguesa heteronormativa como uma verdade espontânea. O estudioso francês Philippe Ariès (cf. 2014 [1978]) investiga os modos como a noção de família vem se modificando ao longo da literatura, salientando que pesquisar e refletir acerca da história do comportamento humano é algo sempre comparativo e regressivo:

A história das mentalidades é sempre, quer o admita ou não, uma história comparativa e regressiva. Partimos necessariamente do que sabemos sobre o comportamento do homem de hoje, como de um modelo ao qual comparamos os dados do passado, com a condição de, a seguir, considerar o modelo novo, construído com o auxílio dos dados do passado, como uma segunda origem, e descer novamente até o presente, modificando a imagem ingênua que tínhamos no início (Ariès, 2014 [1978], p. 21).

Este artigo destina-se ao exame e discussão do modelo familiar que se instaurou a partir da ascensão da burguesia ao poder sob a perspectiva discursiva elaborada por Michel Foucault (1926-1984). Pretende-se discorrer acerca das maneiras como a noção de família moderna se enraizou no pensamento comum, tal como a concebemos hodiernamente, observando, ancorado em um viés foucaultiano, noções como poder-saber, corpo-alma, produção de verdades, corpos dóceis e úteis, formações discursivas e outras relações de cunho técnico e disciplinar que funcionam como um mecanismo coercitivo.

Para tanto, a fim de que se obtenha uma organização de ideias de maneira mais otimizada, o presente artigo será dividido nas seguintes seções, a saber: a constituição do

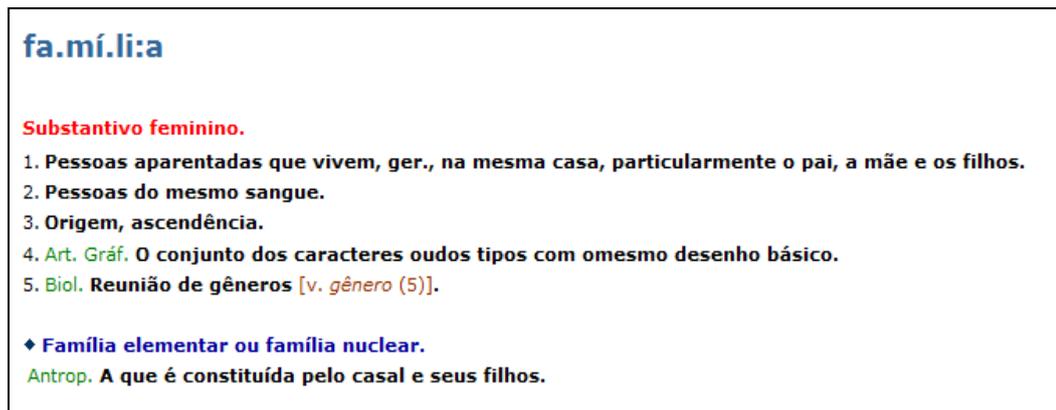
² O conceito de formações discursivas, em termos foucaultianos, refere-se, *grosso modo*, àquilo que em dada época e em dado lugar, isto é, em determinada conjuntura sócio-histórica, se pode (ou não) dizer. As formações

modelo familiar burguês, em que se busca delinear uma conjuntura histórica acerca dos conceitos de família, desde a Idade Média até a época moderna, considerando o estudo desenvolvido por Philippe Ariès (1914-1984); a partir dessa reflexão, focar-se-á o pensamento foucaultiano, com a abordagem de algumas das noções estudadas pelo filósofo, com vistas à promoção de discussões; e, mediante isso, contextualizaremos o tema tratado por meio de materiais autênticos, isto é, analisaremos discursivamente trechos de produções escritas, que versam sobre família, realizadas por estudantes escolares, procurando observar certos conceitos discutidos, dentre os quais destacamos os pares poder-saber e corpo-alma. Por fim, teceremos algumas considerações, em que ponderaremos os caminhos vislumbrados, com levantamento de eventuais questionamentos.

A constituição do modelo familiar burguês

Ao se buscar o verbete “família” no dicionário, encontramos acepções tais como as listadas a seguir:

Figura 1 - Verbetes “Família” no dicionário Aurélio digital



Fonte: Ferreira (2007).

Percebemos que a noção de “família” se associa a uma rede discursiva que produz um efeito de sentido ligado ao modelo heteronormativo de pai, mãe e filhos que vivem em uma mesma casa. Tal concepção é construída como natural e está cristalizada no pensamento moderno e contemporâneo, ou seja, seu sentido encontra-se estabilizado na memória discursiva. Por estar tão enraizada no pensamento comum não vem marcada como uma

discursivas estipulam as condições de possibilidade dos discursos e, sendo assim, todos os dizeres e saberes filiam-se a redes de formações discursivas.

possibilidade discursiva, isto é, tal mentalidade e a formulação “família” confundem-se a tal ponto que *naturalizam* os sentidos, homogeneizando-os e, portanto, construindo um entendimento de *único possível*. Contudo, será que essas acepções e o verbete família sempre estiveram tão intimamente correlacionados? A formulação “família” sempre designou as ditas acepções? Se olharmos para trás, veremos que essa relação nem sempre foi assim.

O historiador francês Philippe Ariès realizou um estudo focado na figura da criança e da família desde a era medieval até a era moderna em sua obra “História Social da Infância e da Família”, observando de que maneira as mudanças de atitudes em relação a esses dois elementos provocaram uma mudança na sociedade. Em tal obra, Ariès (2014 [1978]) realiza um panorama histórico do conceito de família que se tinha desde a idade média até a era moderna, refletindo acerca das modificações sofridas durante tal percurso.

Com relação às imagens familiares que eram veiculadas por meio das iconografias³ medievais, estas quase sempre exibem famílias no ofício de suas atividades. Ressalta-se, desse modo, a relevância dada ao trabalho durante a época medieval, em detrimento do espaço íntimo, particular, quase nunca retratado ou simplesmente confundido com o espaço do próprio ofício, como se houvesse uma indistinção entre o espaço público, do ofício, e o espaço privado, familiar. A vida familiar era uma extensão da vida pública e do trabalho. As cenas retratadas nas iconografias mostram a família dos senhores de terra vigiando os camponeses enquanto estes exercem seus ofícios. Inicialmente, apenas os homens em seus trabalhos eram retratados. Com o tempo, a figura feminina do amor cortês ou a dona-de-casa começa a aparecer também.

As representações iconográficas vão elucidando, com o passar do tempo, uma construção da unidade familiar, calcada na relação homem-mulher. Cenas dessa relação marital vão sendo estampadas, geralmente, através de uma representação em que o homem trabalha e a mulher serve a seu marido. Sendo assim, o homem começa a ser representado em seu ofício junto à sua mulher. A preocupação, por parte dos artistas, de começar a incluir não só o senhor de terra, mas também sua família nas gravuras, torna-se frequente principalmente a partir do século XVI.

Destaca-se a importância dos espaços públicos nessas representações, já que o *zeitgeist* ou a mentalidade da época entendia a vida social como uma extensão da vida privada. Também a partir dessa época a criança passa a integrar as iconografias como mais uma

³ Uma iconografia pode ser entendida como a arte de representar imagens, conformando um conjunto de imagens relacionadas a dado assunto.

representante familiar. A partir daí, constitui-se a ideia de unidade familiar, isto é, a gênese do clã, composta pelos três elementos (homem-mulher-filhos) que inicialmente eram colocados na cena de forma justaposta. As etapas da vida dentro da hierarquia familiar passam a ser destaque, ganhando predileção, nas representações artísticas, temáticas referentes ao noivado, casamento, leito nupcial, nascimento da criança, envelhecimento e morte dos cônjuges. A partir daí inicia-se um movimento em direção a um desenvolvimento cada vez maior em torno do “sentimento de família”. As cenas retratadas pelos artistas entre os séculos XIII-XIV passavam-se, majoritariamente, ao ar livre ou em lugares públicos, como ruas, igrejas, praças e cidades. A partir do século XVI, há uma mudança de perspectiva com um enfoque nas cenas interiores e privadas. Ariès defende que é neste período que se começa a vislumbrar o sentimento moderno de unidade e intimidade familiar, já que na época medieval, os entes familiares eram retratados de maneira solene, sem demonstrarem laços íntimos e/ou sentimentais entre si.

No que tange à noção de família predominante na sociedade medieval, podemos compreender que os laços de sangue eram formados por dois grupos distintos, embora concêntricos: a família e a linhagem. De um lado a chamada família, que pode ser entendida como o modelo de família conjugal moderno. De outro, havia a linhagem, entendida como os descendentes de um mesmo ancestral (a parentela). Consideravam-se família e linhagem como componentes opostos, já que se entendia que os progressos de um grupo provocariam o enfraquecimento do outro, pelo menos entre a nobreza. A família não se estendia a toda a linhagem, porém, de certa forma, englobava mais do que a noção de casal, já que abarcava vários indivíduos que residiam juntos, podendo referir-se, muitas vezes, a vários casais que viviam numa propriedade que se recusavam a dividir. Dessa forma, constatamos que a noção de família permanece numa indivisão, abrigando, até certo ponto, a noção de linhagem e conformando, assim, a grande família patriarcal, em pleno vigor no século XIX.

O conceito de família conjugal moderna burguesa seria um resultado do enfraquecimento da linhagem e das tendências à indivisão ao final da Idade Média. Esse modelo de família conjugal – fundamentada nas figuras pai-mãe-filhos – emerge como ideia de unidade familiar e, a partir dos séculos XVI-XVII, o sentimento de família surge como um valor. Entretanto, na Idade Média, conforme já mencionamos, a linhagem era mais importante (a família numerosa, grande, o nome, os clãs patriarcais, o *status*, a nobreza) do que uma ideia de família reduzida a um núcleo pequeno, a uma comunidade familiar reduzida. A linhagem simboliza o próprio sentimento de família, sua força, seu *status*.

O sentimento de linhagem é diferente do sentimento de família. O primeiro está ligado aos laços de sangue, ao nome da família, a seu *status*, honra, nobreza, ao clã patriarcal, configurando-se, dessa forma, com um caráter mais coletivo. Já o segundo está ligado ao modelo de família conjugal (homem-mulher-filhos), ao sentimento de afetividade que nasce entre os entes, à intimidade familiar, que se relaciona à casa, ao governo da casa e à vida na casa, apresentando, dessa forma, um caráter mais individual.

Diante disso, podemos dizer que, na Idade Média, o *zeitgeist* determinava o sentimento de linhagem como concepção familiar ao passo que, a partir da Idade Moderna, tem-se o sentimento de família calcado no modelo de família conjugal. A nova onda de intimidade em detrimento da coletividade também é observada com relação às festividades. As comemorações mais coletivas dão lugar às festas mais privadas, mais familiares em sua intimidade. Ao sentimento de família, introduz-se o componente religioso, materializado na prática discursiva do benedicite⁴. Com isso, podemos vislumbrar as sementes que viriam germinar, alguns séculos depois, na consolidação da burguesia, com sua mentalidade moral e dogmática que se distribui nas instituições da família moderna e da igreja católica.

Com o advento da educação escolar latina a partir do século XV, há uma ressignificação da figura da criança. A família passa a se concentrar em torno da criança, uma vez que os pais começam a supervisionar mais de perto seus filhos durante as etapas do seu desenvolvimento humano e escolar. Contudo, cabe salientar que a escolarização não se difundiu de forma generalizada. Pelo contrário, ela não afetou uma grande parcela da população infantil, que continuou a ser educada de acordo com as antigas práticas de aprendizagem.

Além disso, também não eram todas as meninas que tinham acesso. Excetuando-se algumas, que eram levadas para as pequenas escolas ou conventos, a maioria era educada em casa, ou na casa de outras pessoas, como parentes ou vizinhos. A educação ao público feminino não se difundiria antes dos séculos XVIII-XIX. De todo modo, a principal modificação no sentimento da família que começa a surgir a partir dos séculos XVI-XVII é com relação à centralização na figura da criança. Até o século XV, uma família medieval costumava enviar suas crianças, a partir dos 7 a 9 anos, às casas de outras pessoas, onde poderiam permanecer por um período de até nove anos, a fim de que cultivassem “boas maneiras”, recebendo educação e aprendendo a servir por meio do desempenho de tarefas domésticas. Assim, a criança, introduzida na vida adulta desde tenra idade, era confiada a um

⁴ A prática do “benedicite” pode ser entendida como uma oração de graças, executada antes ou depois de cada refeição e que começava por esta palavra latina.

mestre, que era responsável por sua educação, ao mesmo tempo em que ela deveria servi-lo, como parte integrante de seu processo de aprendizagem. A criança aglutinava as funções de aprendiz e de criado. O *zeitgeist* focalizava a prestação do serviço como um valor fundamental ao homem medieval. Esse costume parece evidenciar a indistinção que havia entre o ofício e a vida particular.

O declínio do modelo familiar medieval vai sendo evidenciado pela mudança de várias características. Uma dessas mudanças refere-se ao antigo costume que permitia beneficiar apenas um dos filhos (geralmente o primogênito) em detrimento dos outros irmãos. Esse costume se difundiu no século XIII, a fim de evitar a dilaceração do patrimônio cuja unidade não estava mais protegida pelas práticas de propriedade conjunta e solidariedade de linhagem, mas, pelo contrário, era ameaçada por uma maior mobilidade da riqueza. Assim, o privilégio do filho beneficiado por sua primogenitura ou pela escolha dos pais foi a base da sociedade familiar do fim da Idade Média até o século XVII, mas não mais durante o século XVIII. A concepção de família até os séculos XVI-XVII beneficiava legalmente apenas o filho mais velho como único recebedor/herdeiro da maior e melhor parte da herança, colocando o primogênito numa posição superior aos outros filhos. Muitos chefes de família, mesmo nobres, imbuídos já de uma mentalidade da família sentimental moderna, rejeitavam tal prática. Observa-se a ruptura gradual com a discursividade relativa à “família-casa medieval” e a filiação à discursividade da “família sentimental moderna”. Tal sentimento viria a dar origem à igualdade do código civil nos séculos XVIII-XIX.

A família que viria a ser a moderna vai progredindo cada vez mais no âmbito privado em detrimento do público. Um exemplo disso é com relação à casa que era ocupada por essas primeiras famílias modernas de meados do século XVII. Para as famílias das elites, que eram retratadas nas iconografias, a casa grande desempenhava uma função pública, sendo ela, nessa sociedade sem cafés e *pubs*, o único lugar onde amigos, clientes, parentes e protegidos se encontravam e conversavam. Assim, com relação à distribuição do espaço físico, não havia noção de privacidade, pois os cômodos se comunicavam entre si, reforçando o aspecto coletivo dos ambientes. Diversas pessoas habitavam as mesmas salas, onde era impossível se isolar e era preciso atravessá-las para chegar aos outros cômodos.

Nesses cômodos dormiam vários casais, grupos de meninos ou meninas e também os servidores, sendo que alguns deles dormiam perto de seus patrões e, assim, armavam as camas ainda desmontáveis dentro dos quartos ou atrás da porta. Também, em tais ambientes, todos se reuniam para fazer as refeições, receber amigos ou clientes e, às vezes, distribuir esmolas aos mendigos. Nesse clima de indivisão, viviam os habitantes da casa, cabendo aos chefes de

família, dentro dessa mentalidade patriarcal, a obrigação de cuidar da instrução religiosa de todas as crianças da casa, fossem elas filhos ou criados. Os servidores e os aprendizes eram assimilados às crianças da família e misturavam-se a estas últimas, participando de suas brincadeiras. Destacamos alguns enunciados, retirados de Ariès (2014 [1978]), nos quais interpretamos o atravessamento de discursos moralista e machista. Neste sentido, podemos notar já a gestação de um pensamento que viria permear o modelo familiar burguês: “Os deveres de um bom pai de família reduzem-se a três pontos principais; o primeiro: consiste em aprender a controlar sua mulher. O segundo em bem educar seus filhos, e o terceiro em bem governar seus criados” (Ariès, 2014 [1978], p. 254).

As famílias pré-modernas centram-se em uma unidade conjugal, fechando-se em ambientes que apresentam um particionamento de cômodos. Surge um sentimento de afeição e intimidade entre os entes familiares aliada a uma ideia de privacidade. Passa-se da coletividade da era medieval para uma individualização, característica do novo sentimento da era moderna. Em lugar de somente um grande cômodo onde se abrigavam todas as mobílias, partilhado por vários casais, grupos familiares e amigos, surgiu, em contrapartida, a divisão do ambiente, com o isolamento das pessoas residentes da casa. Os criados, agora, ficam encerrados em seus próprios cômodos, separados de seus patrões.

A publicidade da vida medieval dá lugar a uma privacidade da vida moderna. Na Idade Média, vida profissional, mundana e privada confundiam-se como uma sendo um prolongamento das outras. Agora, no novo pensamento moderno, separam-se melhor tais setores e a cada um é determinado um local como o quarto, o gabinete ou o salão. Há ainda um deslocamento no discurso moral, já que as novas boas maneiras se outrora enfocavam a vida em público e em representação, agora moviam-se em direção à proteção da liberdade e da intimidade individual e familiar. A nova polidez, assim, postula a favor da discrição e do respeito à intimidade alheia, movendo-se contra a pressão social. Diante dessa reorganização da casa e dos costumes, abre-se um espaço maior para a intimidade, a qual foi preenchida por um modelo familiar reduzido aos pais e às crianças, do qual se excluem os criados, os clientes e os amigos. Estas sementes darão nascimento ao indivíduo burguês que rompe com o *zeitgeist* do ser coletivo e do sentimento de linhagem que caracteriza o homem medieval. À medida em que há o enfraquecimento da linhagem, reforça-se o valor da família conjugal, sobretudo da autoridade do marido perante a mulher e aos filhos. A família, como célula social, torna-se a base jurídica, política e religiosa moldando os costumes e os hábitos dentro da organização social dos Estados.

No sentimento de família da era moderna, a preocupação com a criança por parte da mãe é apresentada de forma afetuosa. A ideia medieval de que uma criança era substituível por outra, caso viesse a falecer, revela-se impossível nesta nova configuração de pensamento, em que, agora, cada ente familiar (no caso específico, a criança) é insubstituível. Para o pensador Ariès, a figura da criança é o principal elemento diferenciador entre o modelo de família medieval e o emergente a partir século XVII. A criança torna-se um componente indispensável da vida cotidiana familiar e os adultos passam a se preocupar com sua educação, carreira e futuro. Entretanto, esse modelo de família do século XVII, já diferente do medieval, ainda não constituía o modelo familiar moderno. O modelo de família do século XVII ainda era profundamente coletivo, conservando uma enorme massa de sociabilidade. Tal modelo era caracterizado por se tratar de um centro de relações sociais, um núcleo de uma pequena sociedade complexa e hierarquizada, comandada pela figura do chefe de família. Já a família moderna, ao contrário, configura-se como um modelo individualizado que avança em direção à privacidade. Todo o interesse e a energia desse grupo familiar são direcionados à promoção das crianças/filhos. A família moderna é voltada para si, para seus entes.

De início privilégio das classes mais abastadas, este novo modelo familiar pouco a pouco foi se estendendo a todas as camadas sociais. O sentimento de família moderna está intimamente ligado ao sentimento de casa, de liberdade, individualidade e particularidade. Esse modelo familiar difundiu-se tanto pela sociedade que, pelo processo de naturalização dos sentidos, promove-se um apagamento em relação à sua vinculação às formações discursivas relativas à aristocracia burguesa. O século XVIII assiste ao nascimento e ao desenvolvimento da individualidade familiar, com a consolidação do sentimento de família. Essa nova configuração familiar inicialmente limitava-se às classes abastadas do campo, da cidade, da aristocracia e da burguesia. Entretanto, a partir do século XVIII, esse novo sentimento familiar foi se estendendo a todos os segmentos sociais.

Dessa maneira, os conceitos de “família” e “sociabilidade” podem ser entendidos como duas forças concorrentes, na medida em que quando um está fortificado, o outro se enfraquece. Assim, a partir do século XVIII, a coletividade medieval começa a ensejar o surgimento do indivíduo burguês, erigindo um modelo convencional de família, de classe e de raça, munido de regras e preceitos morais, jurídicos, éticos e religiosos que, repressivamente, se destinam a uniformizar a diversidade massiva.

A perspectiva foucaultiana

Para Michel Foucault (2002 [1971]; 2013a [1975]; 2013b [1977]; 2014 [1969]), o campo do saber e o campo do poder estão intimamente correlacionados. Todo saber está a serviço de um poder e vice-versa. Isso significa entender que todo discurso veicula um saber, uma verdade, remetendo a uma rede de formações discursivas que está a serviço de um poder, uma política, um desejo, “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo [...] sua ligação com o desejo e com o poder” (Foucault, 2002 [1971], p. 10).

Foucault entende o saber como uma arqueologia ao passo que o poder como uma genealogia. A arqueologia está voltada para o modo como a ciência se organiza. Já a genealogia é concebida dentro de uma reflexão sobre o modo como o poder se estabelece. O pensador, dessa maneira, relaciona essas duas dimensões compreendendo que elas funcionam de forma recíproca dentro da sociedade. Sendo assim, não há discurso transparente, neutro, tampouco desinteressado, mas sim vinculado ao poder e ao desejo que, ao interditá-lo, fazem atuar sobre ele coerções. Ditas coerções produzem diversos procedimentos que se destinam a controlar o acontecimento aleatório do discurso dentre os quais podemos realçar a vontade de verdade. Essa vontade de verdade, a fim de veicular uma ideia de naturalidade e universalidade, lança mão de um sistema de exclusão cujo efeito só pode operar de forma dissimulada, uma vez que a verdade não pode reconhecer que uma vontade a guia e, portanto, encobre-a. Como efeito desse dispositivo, a verdade desponta como fecundamente universal e natural, contribuindo para o processo de naturalização dos sentidos ao surgir como *única possível* ao passo que, em contrapartida, há a desconsideração de toda uma engenharia ligada à vontade de verdade que atua enquanto uma força que seleciona, interdita e exclui.

Com relação à produção de verdades, podemos aludir ao par alma-corpo. A alma, em Foucault, não aparece com sentido divino ou metafísico. Ela é resultado do controle ideológico que faz o indivíduo funcionar em sociedade. A alma é o instrumento do exercício do poder-saber sobre o corpo à medida que promove a sua submissão pelo controle das ideias. Dessa maneira, a alma, constituída de verdades, discursos e saberes, é produzida a partir da maquinaria política que circunscreve as relações de poder-saber. A alma, então, é entendida como prisão do corpo, no sentido em que, com suas verdades, discursos, saberes e ideologias, subjuga-o de modo a dominá-lo para que este funcione em sociedade. O corpo se configura como o depositário de marcas e sinais submetido ao controle das ideias, enquanto a alma é seu depositante. Contemplamos, assim, o corpo enquanto agente e peça dentro do jogo das forças

presentes em toda a sociedade, ao passo que a alma surge como instrumento de atuação do poder-saber sobre o corpo, no processo de constituição do corpo histórico dos sujeitos.

Coracini (2007) entende que o indivíduo foucaultiano é resultado do exercício do poder disciplinar sobre a alma, de modo que este se torne socialmente governável e, dessa forma, sob o jugo da autoridade legitimada. De acordo com o pensamento foucaultiano, podemos compreender que, até o século XVIII, o poder emana do discurso religioso (igreja) de modo a tornar a sociedade controlável. Já a partir do século XVIII (iluminismo), o poder emana do discurso estatal, ancorado na ciência, que ao se voltar para a promoção de certas instituições como a família (burguesa), por exemplo, dissemina regras de conduta ao longo de todo o corpo social, a fim de que a alma de cada indivíduo proceda naturalizadamente à autovigilância no que concerne à sexualidade, à moral e à educação.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (2013a [1975]) captura o momento histórico em que o poder de punir desloca-se do corpo em direção à alma do indivíduo, centrando-se assim as relações de poder em relações de dominação e vigilância. Os rituais de suplício que castigavam o corpo do condenado, por meio de açoitamentos e marcações com ferro, durante o regime absolutista, dão lugar a partir do século XVIII, a um outro regime político do corpo. Dessa maneira, a punição passa a ser uma técnica de coerção dos indivíduos, utilizando processos de treinamento do corpo com os traços que entram, sob a forma de hábitos, no comportamento. A punição supõe, sob esse prisma, a implantação de um poder específico de gestão de pena. Sendo assim, a disciplina passa a ser a tecnologia política do corpo. O corpo é então trabalhado e investido a fim de se produzirem “corpos dóceis e úteis”, isto é, corpos dóceis e “em ordem” politicamente e úteis, funcionais, economicamente. Em suma, o filósofo francês investiga o alcance dos discursos do poder sobre os corpos dos indivíduos – tomados enquanto mecanismos gerais de dominação, de controle, submissão, docilidade, utilidade e normalização de condutas – dispersos anonimamente em toda a cadeia social, visando acentuar o vínculo existente entre os pares corpo/alma e saber/poder.

Deste modo, podemos entender, de acordo com o pensamento foucaultiano, que o poder é uma relação de força, que tem como objetivo a dominação e o controle. Entretanto sua ação não é somente repressiva mas também produtiva, visto que produz individualidades, efeitos, corpos, saberes, verdades, realidades, sujeitos. Enfatiza-se, deste modo, o caráter positivo do poder enquanto produção e utilidade, uma vez que este não é só negativo, ou seja, não se deve entendê-lo apenas como interdição e repressão. Ao destacar o aspecto produtivo dos dispositivos do poder, Foucault cria a noção de “Biopoder” que pode ser entendida,

basicamente, como o poder que se inscreve no corpo e na alma do indivíduo de maneira naturalizada.

Hardt e Negri (2001), partindo da perspectiva foucaultiana, analisam a passagem da “sociedade disciplinar” para a “sociedade de controle”, sendo esta última uma formulação deleuziana a partir dos estudos de Foucault sobre poder. Enquanto a primeira noção estipula o controle sobre o corpo, a segunda aborda a coerção sobre o cérebro, o ideológico, a consciência, as mentes, sendo todos esses termos empregados por Hardt e Negri (2001) para tentar dar conta daquilo que Foucault trata como “alma”.

Na sociedade de controle, a verdade do Estado moderno, isto é, o discurso da verdade não pertence mais só ao soberano, ao clero, mas está presente em cada indivíduo. Sendo assim, há uma dispersão e uma anonimização do poder. Nessa conjuntura, focaliza-se o biopoder, como poder que não emana só a partir de um centro, dentro da lógica do materialismo histórico, que opõe, de maneira dicotomizante, classe dominante *versus* classe dominada, mas também, em todas as direções, distribuindo-se de modo disperso ao longo de todo o corpo social. Diferentemente da teoria marxista, Foucault não sublinha apenas a dimensão econômica do poder, mas também a cultural, a física e a subjetiva, conformando a biopolítica social. O poder só pode assumir autoridade permanente sobre a vida total da população quando se converte em função natural, vital, integral, que todos os indivíduos adotam e reativam por sua própria vontade. A missão mais elevada desse poder é abranger a vida completamente, sendo sua tarefa fundamental governá-la.

Mediante o exposto, podemos constatar que o modelo familiar que se instaura a partir do século XVIII reflete a ascensão da burguesia ao poder, que começa a difundir seu modo de vida por meio da proliferação de discursos apoiados na relação poder-saber. Assim, o modo de dominação e vigilância nessa sociedade dá-se através da fabricação de subjetividades, moldando corpos e almas dos indivíduos. A burguesia lança mão de técnicas disciplinares para controlar e educar a sociedade conforme os seus interesses, pondo em circulação discursos de repressão ao sexo, por exemplo, com o intuito de propagar padrões de moralização. Toda essa incitação política, econômica e técnica ao tratar do sexo desvela a construção de um discurso racional sobre ele.

A sociedade burguesa percebe, desse modo, que vigiar e disciplinar apresentam-se como mecanismos de coerção mais efetivos do que o simples fato de punir, já que enquanto a punição destrói, a disciplina e a vigilância criam, produzindo indivíduos, “almas” impregnadas de saberes e verdades, que legitimam e são legitimadas pelo poder. Neste

sentido, o núcleo familiar, com seus pais e filhos, sua casa, individualidade, privacidade e moralização, é valorizado, refletindo o modo de vida burguês.

A partir do século XVIII, o historiador Philippe Ariès (2014 [1978]), conforme já discutimos, observou a consolidação do sentimento de família por meio de uma onda de individualidade e privacidade familiar que se instaurou na sociedade burguesa. Com relação a essa passagem da “família do século XVII” (ainda muito medieval em seu aspecto coletivo) para a “família moderna”, já concentrando o modelo conjugal burguês individualizado em sua própria casa, Foucault (2013b [1977]) aborda as noções de dispositivo de aliança e dispositivo de sexualidade.

No que tange ao dispositivo de aliança, podemos identificá-lo com o que Ariès entende por família medieval, pois está preocupado com o *status*, a manutenção da linhagem e do patrimônio. Segundo Foucault, o dispositivo de aliança corresponde ao “sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens” (Foucault, 2013b [1977], p. 117). Já a família moderna analisada por Ariès relaciona-se ao que Foucault compreende enquanto dispositivo da sexualidade. Este, segundo o filósofo francês, embora também se articule aos parceiros sexuais, como o anterior, faz-se de um modo diferente. Enquanto o que importa ao dispositivo de aliança é o vínculo entre parceiros, com um *status* definido, para o da sexualidade, a relevância está nas sensações do corpo, na qualidade dos prazeres, na natureza das impressões, o que pode se referir a um certo sentimento familiar, tal qual postulado por Ariès no que diz respeito à concepção de família moderna.

Foucault sustenta que o dispositivo da aliança se articula com a economia devido ao papel que pode desempenhar na transmissão ou na circulação de riquezas, ao passo que o dispositivo da sexualidade se relaciona à economia por meio de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal: o corpo que produz e consome. Foi a partir do dispositivo de aliança que o dispositivo da sexualidade se instalou. Assim, não se trata meramente de uma visão linear que estabeleceria uma transição de um dispositivo a outro, mas sim de uma ideia de combinação. O dispositivo de sexualidade combinou-se ao da aliança, então vigente. E o resultado dessa combinação está na instituição família: a família burguesa moderna. O pensador francês, desse modo, considera a família a instituição responsável pela imbricação da dimensão da sexualidade e da aliança:

A família é o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo de sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança. Essa fixação do dispositivo de

aliança e do dispositivo de sexualidade na forma da família permite compreender certo número de fatos: que a família se tenha tornado, a partir do século XVIII, lugar obrigatório de afetos, de sentimentos, de amor; que a sexualidade tenha, como ponto privilegiado de eclosão, a família (Foucault, 2013b [1977], p. 119-120).

Em *História da Sexualidade*, Foucault (2013b [1977]) argumenta que foi a burguesia que iniciou essa moralização sexual, já que alçou a família à instância de controle dos indivíduos para que estes funcionem na sociedade adequados às normas. A família canônica burguesa, de início privilégio das classes abastadas, se estende a todas as camadas sociais, com o objetivo de moralizar o proletariado. Com isso, a burguesia promove uma valorização discursiva da própria sexualidade ancorada em uma tecnologia de poder e de saber. Por meio da afirmação de si, a burguesia realiza um agenciamento político da vida, produzindo toda uma maneira de ser, de se (com)portar, de viver. Portanto, por meio dos conceitos foucaultianos debatidos, depreendemos que o discurso da família burguesa é atravessado por formações discursivas que remetem às esferas jurídica, moral, ética, econômica e religiosa, dentre outras, contribuindo, assim, para a sua proliferação discursiva na medida em que legitimam e são legitimados por relações de poder-saber dentro da sociedade. A combinação da arqueologia do saber com a genealogia do poder produz corpos e almas, regulando a própria vida ao ajustá-la à tecnologia do biopoder.

Concepções discentes acerca da noção de família

A fim de ilustrarmos nosso debate em torno da dimensão foucaultiana, apresentamos, através de breves trechos de produções escritas, discursos de alunos da disciplina de língua espanhola do 1º ano do ensino médio de uma dada instituição federal escolar sediada no município do Rio de Janeiro. A proposta trata de uma questão, em que os alunos, através de uma imagem, devem elaborar uma redação, conforme o enunciado que reproduzimos a seguir:

Redacta un pequeño texto, en español, en el cual debes establecer una relación familiar para las personas de la imagen. Descríbelas utilizando el vocabulario estudiado en clase (rasgos físicos y de conducta, los grados de parentesco y las ropas y colores). Todas las personas de la imagen constar en tu texto.



Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1bZ-5TxpDhQDpDwMW0Ji207RycLKF6qUL/view?usp=sharing>.

A referida questão faz parte de uma avaliação de espanhol e a redação deve ser redigida em tal idioma⁵. Por meio da imagem, que reúne várias pessoas, os aprendizes devem estabelecer uma relação familiar, utilizando os conteúdos abordados na aula, tais como vocabulários de parentesco, características físicas e psicológicas e também roupas e cores. Assim, nosso objetivo, ao examinar os discursos discentes, é investigar de que modo os alunos são atravessados por formações discursivas relacionadas à família burguesa, analisando, dessa maneira, como tal noção se enraizou no pensamento comum. Observemos os fragmentos listados a seguir extraídos de produções escritas⁶ dos discentes:

- (1) Lo padre es muy bueno para todos. Su mujer, madre de los hijos, es amorosa y muy falante [...]. La madre gusta vestir faldas, collares e anillos bien caros, dados por su esposo.
- (2) Pedro es un niño [...]. Es hijo de Victoria y Marcos [...]. Victoria es una mujer extremadamente sensible.
- (3) El padre se queda próximo de la abuela, su suegra, y tiene los labios finos en una sonrisa. Su mujer mira muy contenta el niño que está a leer.

⁵ O contexto das produções escritas refere-se à situação de acompanhamento das aulas como parte do estágio supervisionado realizado pela pesquisadora para obtenção do título de licenciada em Letras Português/Espanhol, cujo recorte temporal é 2011. Salientamos que o aceite dos sujeitos envolvidos foi obtido mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, dentro dos princípios e procedimentos éticos então vigentes.

⁶ Ressaltamos que não grafaremos os eventuais desvios em relação à norma culta padrão do espanhol que as redações possam exibir, reproduzindo, assim, as amostras textuais tais quais foram escritas.

- (4) [...] Carlos un rapaz, muy guapo, [...] se casó con Suzana y tuvieron dos hijos, Gabriel e Fernanda. Suzana es una persona muy bondosa.
- (5) Paco tiene una familia bien formada con su mujer Lara, sus hijos Martín, Marí y Desiré e sus padres José e Luana [...]. Paco, un hombre fuerte y bien formado [...]. Todos son argentinos y viven en Cuba, pois Paco trabaja en un periódico.
- (6) Ella es esposa de Esteban [...] que es un hombre de alta estatura y de cuerpo fuerte.
- (7) Dina y Francisco son los abuelos de los tres niños. Dina tiene el pelo blanco y corto, es llenita y adora sonreír. Francisco es delgado, tiene el pelo blanco y es muy paciente.
- (8) [...] la abuela de la familia [...] parece estar muy feliz.
- (9) La abuelita tiene el pelo blanco, corto y ondulado, ella parece estar muy contenta.
- (10) Mi abuela es otra madre mía, el pelo es blanco [...].
- (11) Marieta, una señora muy simpática [...].
- (12) Su madre, sogra de su esposo, ama sus nietos y le gusta ser llamada de abuela.
- (13) Clara tiene 11 años e es una chica muy contenta. Tiene muita admiración por su abuela Maria que es casada con Santana, un señor de edad muy carinhoso con su hijo José y sus netos.
- (14) Los abuelos de los chicos son Fatima y José, señores muy queridos y respetados.
- (15) Martín se queda mejor con su abuelo José que es viejo simpático.
- (16) Sus abuelos son de edad avanzada pero son muy buenos.
- (17) Mi abuelo es divertido, tiene el pelo y la piel branca, su cara regordeta com gafas, y él adora leer.
- (18) Lo abuelo gusta de ler para sus netos y también gusta de ser sogro.
- (19) Santana, un señor de edad muy carinhoso con su hijo José y sus netos.
- (20) Esta es una familia muy feliz [...] esta es una familia feliz y alegre.
- (21) La familia es feliz.
- (22) Lo padre [...] estas feliz con la familia [...]. La madre [...] está [...] también feliz [...]. Esta familia es una familia convencional.
- (23) La familia aparenta ser mucho feliz.
- (24) Mi familia es muy feliz.
- (25) Son la familia de los sueños.
- (26) [...] A su lado está Joaquina, mujer de Fernando. Ellos tienen 2 hijos: Thiago y Manoel y una hija, Manoela. Son animados, felices y son muy corajosos.
- (27) Esta familia es muy unida.
- (28) Son una familia feliz.
- (29) Julio se divirtió mucho con los nietos, les mostró fotografías de su padre, quando ainda era niño e todos se reíram.
- (30) La abuela Maria [...]. Su marido Antonio [...] es muy feliz y bondadoso. Juntos tienen Carlos [...] que es casado con Joana, la mujer [...]. Tienen tres hijos, una chica y dos niños. Juntos son muy

alegres, tienen momentos divertidos, como este arriba. Las sonrisas demuestran la felicidad de los parentes al ver las fotos sacadas algún tiempo atrás.

(31) En los domingos, Juan y Carlos llevan sus respectivos hijos para encontraren los abuelos. Juan y Carlos son hermanos.

(32) El encuentro de la familia acontece todo sábado. Hay el abuelito siempre muy alegre [...].

Podemos inferir nos fragmentos acima algumas regularidades que remetem a certas ressonâncias discursivas (cf. Serrani, 2010). Operar com a noção de ressonância discursiva significa examinar formulações que ecoam nas produções escritas, uma vez que há ressonância discursiva “quando determinadas marcas linguístico-discursivas se repetem, a fim de construir a representação de um sentido predominante. Trata-se de um enfoque discursivo dos processos parafrásticos” (Serrani, 2010, p. 90). Assim, as regularidades apreendidas podem ser sintetizadas, de maneira geral, através dos seguintes enunciados: *a mãe bondosa em casa, que vive para o lar, toma conta dos filhos e ganha jóias do marido* (fragmentos 1, 2, 3 e 4); *o pai provedor, que trabalha e sustenta; o chefe da família, tido como o forte* (fragmentos 1, 5 e 6); *a avó carinhosa, simpática e acolhedora* (fragmentos 7, 8, 9, 10, 11 e 12); e, por fim, *o avô, que conta histórias para seus netos e gosta de “ser avô”, de ler para eles e é divertido* (fragmentos 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19). Ainda salientamos a materialização de expressões como “*a família tradicional e feliz; família convencional e unida; a família dos sonhos*” (fragmentos 20 ao 28).

Mediante o exposto, podemos notar que tais construções descritivas associadas à ideia de família *perfeita* e *normal* refletem um atravessamento dos sujeitos pelo discurso burguês ocidental. Reparamos como o discurso da família burguesa está enraizado na mente e consciência dos indivíduos. Essas verdades e conhecimentos discursivos, de acordo com o pensamento foucaultiano, produziram as almas dos indivíduos, fabricando subjetividades que, ao abrigarem saberes e poderes, legitimam e são legitimadas por eles. Tal relação mútua evidencia a microfísica do poder que se configura como uma espécie de genealogia da alma moderna. Um dos efeitos dessa tecnologia do poder materializa-se sob o processo de naturalização dos sentidos, com vistas ao reforço de verdades e saberes. Assim, ressonâncias discursivas que podem ser descritas mediante formulações, tais como, “*a família feliz, com seus constituintes, que gostam de estar na companhia um do outro e riem juntos olhando fotografias de seus entes*” (fragmentos 29 e 30) e “*os pais que visitam os avós nos fins de semana*” (fragmentos 31 e 32), retratam o modo de vida dessa família burguesa (pós-moderna), que prioriza a companhia de seus entes, na privacidade de seu lar. Esse sentimento

de afeição familiar, hoje tão cristalizado, materializa a promoção da discursividade burguesa, que, a partir do século XVIII, foi gradualmente difundindo entre todas as camadas sociais seu modo de (com)portar-se, de viver, de ser.

Outros ecos enunciativos que evidenciam a filiação – que se opera, logicamente, de maneira inconsciente mediante a ilusão de linguagem transparente – dos sujeitos à formação discursiva da família burguesa é quando estes compreendem a família grande como *diferente* das demais. Vejamos os fragmentos abaixo:

(33) És una familia grande, diferente de los demais. Tiene como mayor autoridad la abuela, Lena, y su marido, Chaves.

(34) Es una familia grande, que tiene abuelos, padres e hijos.

Conforme podemos visualizar, os sujeitos concebem família de acordo com a acepção moderna e burguesa, que, em termos foucaultianos, resulta da imbricação do dispositivo da aliança e do dispositivo da sexualidade. A partir dessa mentalidade, o fato de haver muitas pessoas, muitos parentes na casa, faz com que a família seja lida como “diferente”, isto é, os alunos estão perpassados pelo discurso burguês, que instaura a família calcada na “célula familiar” pais e filhos enquanto um modelo conjugal heteronormativo que, em contrapartida, se isola da sociabilidade medieval, se individualiza e adquire privacidade em sua casa. Ao considerarem a família grande, patriarcal, como “diferente”, parecendo causar certo estranhamento, os sujeitos se desvinculam do discurso medieval de família, este associado ao dispositivo da aliança, ligado à linhagem. Examinemos outros fragmentos:

(35) Julia es mujer de José.

(36) El hombre de jérsei negro eres casado con la mujer de pelo curto.

(37) Carmen e Julio, son casados a 40 años, su hijo Juan fue les visitar con su familia, sua esposa Leticia e sus hijos Luca e Felipe.

(38) [...] Leon, con cabellos negros e usando jaqueta también negra. Su mujer Eleanor [...].

(39) El padre se queda próximo de la abuela [...]. Su mujer mira muy contenta el niño que está a leer.

(40) Carlos un rapaz, muy guapo, que se casó con Suzana y tuvieron dos hijos, Gabriel e Fernanda.

(41) Esta es la familia de Afonso Herrera.

De acordo com os fragmentos acima, podemos depreender que a discursividade burguesa coloca o homem como o chefe da família, havendo, assim, uma centralização quase

sempre na figura masculina. Observa-se aí a tradição de o pai ser o representante, o nome da família centrar-se no nome paterno, uma vez que o pai é tido como o chefe, daí ser sempre tomado como o referente, gerando, assim, regularidades como as descritas a seguir: *a esposa/mulher de fulano, a família de fulano, fulano é casado com..., fulana é mulher de...,* que corporificam os fragmentos ilustrados evidenciando o discurso patriarcalista. Algumas produções escritas, entretanto, fugiram um pouco ao modelo padrão, como os excertos exibidos a seguir:

(42) Esta familia es muy unida [...]. Los padres de los niños son dos hombres, que son gays, el hombre que tiene el pelo negro y está al lado de la abuela es hijo de los abuelos y está casado con el otro hombre que tiene el pelo rubio y es muy engraçado.

(43) Pedro es hijo de Marco y Paulo [...]. Marcos y Paulo son un casal homossexual y adoptaran Pedro [...]. Son una familia feliz.

Nessas redações, retrata-se a família com casais homossexuais masculinos, que adotam crianças. Percebemos, contudo, que mesmo os que fogem ao modelo padrão familiar heteronormativo continuam com o modelo de casamento conjugal, o dispositivo da aliança, centrado na célula familiar pais e filhos. Além disso, ao qualificar um dos pares homoafetivos por meio da formulação “engraçado”, o sujeito parece se vincular a formações discursivas estereotipadas do senso comum que costumam filiar personagens gays, sobretudo masculinos, à esfera da comicidade, da extravagância e do burlesco. De modo geral, as redações analisadas parecem estar perpassadas pelo discurso da família burguesa ocidental, que vive com seus filhos em seu lar e visitam seus parentes, com os papéis tradicionalmente atribuídos a cada ente via gênero, tais como, o pai que trabalha, a mãe que cuida da casa, os avós carinhosos e acolhedores, dentre outros.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi promover um debate acerca do conceito de família que se estabeleceu com a ascensão da sociedade burguesa e se engendrou no pensamento moderno, à luz da ótica foucaultiana. Para tanto, ancoramo-nos, como arcabouço teórico, no estudo desenvolvido por Philippe Ariès (2014 [1978]) que examina a modificação da sociedade calcada na imagem da criança e da família. Por meio de um panorama histórico, o historiador

francês investiga de que maneira o conceito de família foi se alterando ao longo dos séculos até se cristalizar no modelo contemporâneo. A epígrafe nos versos de Fernando Pessoa (2011), datada do ano de 1895 do século XIX, parece traduzir esse sentimento moderno que focaliza a família conjugal burguesa enquanto âmbito privilegiado de comedimento, moral, afetividade e individualidade, resultado da imbricação dos dispositivos de aliança e de sexualidade e não mais como sinônimo da coletividade medieval alicerçada na linhagem.

À guisa dos estudos desenvolvidos por Michel Foucault (2002 [1971]; 2013a [1975]; 2013b [1977]; 2014 [1969]), discutimos noções concernentes às fases arqueológica e genealógica. A primeira diz respeito à análise das criações de verdades compreendidas enquanto um sistema de procedimentos ordenados para produção, regulamentação, distribuição, circulação e operação dos enunciados (cf. Fairclough, 2008). Já a última examina o estabelecimento do poder ao refletir de que maneira a verdade se vincula a uma relação circular com os sistemas de controle, que a produzem e sustentam. Para tanto, foram abordados conceitos foucaultianos, tais como poder-saber, corpo-alma, corpos dóceis e úteis, vontade de verdade, dentro outros.

Com vistas à contextualização de nosso debate, ofertamos alguns fragmentos relativos a análises discursivas de produções escritas realizadas por sujeitos escolares cujo tema é a família. Dessa maneira, ao qualificarem a instituição família como “convencional, perfeita, dos sonhos”, formulações que ecoaram nas redações, os estudantes desvelam a discursividade burguesa que os perpassa cultural e socialmente, moldando suas crenças, valores e erigindo suas subjetividades. Segundo Coracini (2007), partindo da perspectiva foucaultiana, o sujeito é construção social e discursiva, que está em constante elaboração e transformação. Neste sentido, o sujeito é alteridade, disperso e heterogêneo em sua própria constituição.

Em vista disso, considerando as redações examinadas, compreendemos que a maioria dos alunos (re)produz um discurso de família “tradicional” vinculado ao modelo familiar que se difundiu a partir do século XVIII, por meio do poderio burguês. Esse discurso, que legitima e é legitimado pela lógica relacional do poder-saber, se enraíza tão profundamente nas almas dos indivíduos que estes o concebem como natural, padrão, único possível. Tal configuração faz parte das estratégias e das táticas dos dispositivos do poder que garantem o funcionamento e a utilidade da sociedade, pois produz verdades, saberes, discursos, realidades, indivíduos, enfim, produz vida, o que lhe confere o caráter de biopoder. Foucault forja a noção de biopoder enquanto uma política de controle que gerencia a vida humana ao se tornar uma peça tão indispensável que se apaga e se naturaliza ao longo de todo o corpo social.

Referências

ARIÈS, P. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2014 [1978].

CORACINI, M. J. Sujeito, identidade e arquivo – entre a impossibilidade e a necessidade de dizer(-se). In: CORACINI, M. J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 15-26.

FAIRCLOUGH, N. Michel Foucault e a análise do discurso. In: FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2008, p. 61-88.

FERREIRA, A. B. de H. **Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2002 [1971].

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2013a [1975].

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 2013b [1977].

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 [1969].

HARDT, M.; NEGRI, A. Produção Biopolítica. In: HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

PESSOA, F. Citação. In: SILVA, P. N. (org). **Citações e pensamentos de Fernando Pessoa**. São Paulo: Leya, 2011.

SERRANI, S. Compreensão e mal-entendidos na leitura: ressonâncias discursivas. In: SERRANI, S. **Discurso e cultura na aula de língua**. Exemplos em português, espanhol e inglês. São Paulo: Pontes, 2010, p. 85-99.

Recebido em: 17 de março de 2024

Aceito em: 15 de junho de 2024